

BIOGRAFIA

Getúlio Vargas Barbosa

(10/05/1931 - 06/05/1985)

Quando Getúlio Vargas Barbosa nasceu, Getúlio Dornelles Vargas assumira a presidência da República no ano anterior. Fora eleito Júlio Prestes, que não chegou a ocupar o cargo; ocorreram graves escaramuças e uma junta militar tomou o poder, para finalmente transferi-lo a Vargas no final de 1930. Em 1932 eclodiria em São Paulo a Revolução Constitucionalista e somente em 1934 Vargas seria eleito presidente pelo Congresso. Nosso biografado recebeu o nome da figura impositiva do gaúcho que dominaria o cenário político nacional por quase um quarto de século.

Ao ser convidado para dirigir a Divisão de Geomorfologia do Projeto RADAM em 1972, a ditadura militar estava em seu auge. O país era então governado por outro gaúcho, Emílio Garrastazu Medici. O Estado empenhava-se na execução de obras gigantescas, apresentadas como símbolos de pujança e riqueza. Naquele ano inaugurava-se em Paulínia a maior refinaria de petróleo do País. Dois anos depois seriam inauguradas a hidrelétrica de Ilha Solteira, no rio Paraná, a rodovia "Transamazônica" (trecho Humaitá-Itaituba) e a ponte Presidente Costa e Silva, ligando o Rio de Janeiro a Niterói.

Conhecemos Getúlio Vargas Barbosa quando ingressamos no quadro de profissionais do Projeto RADAM.

Ao assumir a liderança da equipe de Geomorfologia daquele Projeto, Getúlio já trilhara longa e produtiva carreira profissional. Encerrou com distinção o curso secundário, ingressando na Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 1958 publicava em Recife seu primeiro trabalho: *O Relevo da Zona Pioneira do Espírito Santo e da Região Contestada*. Em 1961, seria publicada a *Notícia sobre o Karst da Mata de Pains*, uma contribuição importante para o conhecimento dos relevos cársticos da área a norte de Belo Horizonte. Enfim, em 1965 Getúlio daria a público *O Quadrilátero Ferrífero e seus Problemas Geomorfológicos*, onde examina com profunda percepção os complexos níveis de aplainamento de uma área de relevos estruturais que seria tão cara a ele. O trabalho teria seqüência em 1978 com *Superfícies de Aplainamento e Depósitos Correlativos no Quadrilátero Ferrífero*, uma obra fundamental que complementa e amplia o alcance da pesquisa anterior.



A maior cadeia de montanhas de Minas Gerais voltaria a ser enfocada no *Guia de Excur-são à Serra do Espinhaço*, agora com propósitos didáticos mas com perfeita compreensão dos aspectos científicos essenciais. Esse trabalho é de 1968, ano em que foi implantado o Instituto de Geociências da UFMG, contando com o apoio entusiástico de Getúlio.

Seu ingresso no IGC, ocorreu aproximadamente dez anos antes da criação do Instituto, ainda durante o período no qual o curso de Geografia era ofertado pelo Departamento de Geografia e História da Faculdade de Ciências Humanas (FAFICH).

Sua atuação como docente foi fundamental para que o curso de Geografia começasse a se diferenciar enquanto área de conhecimento específica, tendo o professor Getúlio esboçado as linhas gerais do que viria a se transformar em bacharelado e licenciatura durante a reforma curricular de 1974. Foi, sem dúvida, sua maneira ousada e atual de olhar a ciência, que imprimiu na Geografia da UFMG, uma forte e marcante participação da geografia física, com ênfase na Geomorfologia, que é mantida até os dias de hoje.

No início da década de 1970, com relutância trocaria Belo Horizonte pela capital federal, onde assumiu cátedra de professor na Universidade de Brasília. Conforme nos recorda o geólogo João da Rocha Hirson, Getúlio sempre teve como prioritárias suas atividades na UFMG e considera-a temporária a transferência para Brasília: mantinha "os pés fincados no planalto, mas a cabeça permanentemente centrada em Minas Gerais".

Na UnB, Getúlio implantou o curso de graduação em geografia, congregando geógrafos dispersos em diferentes setores da instituição, e convidou profissionais de fora, criteriosamente escolhidos. Sua atuação seria também distinguida pela criação da Comissão Permanente do Vestibular, de que foi o primeiro presidente; as bases sólidas sobre as quais construiu essa comissão frutificam até os dias de hoje.

No início de 1970, a UnB passou por importante reformulação estrutural e, seguindo-se a isso, Getúlio foi eleito seu primeiro Decano de Ensino de Graduação, reorganizando as áreas sob sua supervisão.

A partir de 1972, desvincilhou-se das atividades de fundo administrativo. No momento em que pôde voltar, com renovado entusiasmo, às tarefas de ensino e pesquisa no Departamento de Geociências, foi chamado a participar do Projeto RADAM.

Sediado em Belém, o Projeto RADAM dava início ao empreendimento inédito e imenso de revelar os recursos naturais do País fundamentado na interpretação de imagens de radar. Os mosaicos de radar eram montados a partir de imagens obtidas com Radar GEMS 1000 de abertura sintética, na banda X, tiradas por equipamento instalado

em um jato *Caravelle* voando a 11.000 metros de altitude, tanto de dia quanto à noite.

Os mosaicos de radar na escala de 1:250.000 eram o material básico de trabalho, entregues aos técnicos impressos em papel cronopáquer, acompanhados das respectivas faixas de imageamento, permitindo alguma noção de estereoscopia. Apresentavam excepcional nitidez, inclusive pelo fato de o radar não captar as coberturas de nuvens. Típico do regime político vigente, os mosaicos das áreas fronteiriças traziam no verso a advertência "confidencial". Aliás, o trabalho desenvolvido então no RADAM era geralmente considerado de segurança.

À medida que se tinha acesso àquelas imagens, revelava-se a nós, geomorfólogos, o universo misterioso de uma Amazônia pouco conhecida ou mesmo desconhecida, repleta de formas de relevo fascinantes. O grande desafio era dar a esses relevos expressão cartográfica adequadamente precisa mas que fosse, *pari passu*, de fácil legibilidade de tanto pelo técnico experiente quanto pelo leigo esforçado.

Nos primórdios do Projeto RADAM, os estudos de geografia física ficavam a cargo de um pequeno núcleo de jovens e competentes geógrafos trabalhando como parte da Divisão de Uso da Terra. Ao chegar, caberia a Getúlio criar e dar corpo à Divisão de Geomorfologia, elevando-a ao mesmo *status* das outras Divisões técnicas. A equipe foi gradualmente ampliada. Os novos profissionais contratados, geralmente recém-formados, passavam por um curso completo de reciclagem, envolvendo como instrutores os colegas mais antigos sob a atenta orientação do "Mestre". Esse curso intensivo de capacitação, idealizado e posto em prática por Getúlio, viria a ser um dos pontos de orgulho da equipe de Geomorfologia, merecendo elogios dos demais colegas.

Com extraordinário discernimento e amplitude de visão, Getúlio acercou-se de consultores e assessores de escol, as maiores personalidades da Geomorfologia no País e alguns grandes cientistas da cena internacional. Não importavam escolas, tendências ou posturas ideológicas. Foram contatados e requisitados nomes que pudessem agregar contribuição de valor para a pesquisa científica que coordenava.

Os primeiros trabalhos do Projeto RADAM foram efetuados numa área-piloto abrangendo o centro da Bahia e, em seguida, estenderam-se para a bacia do Parnaíba. A metodologia desenvolvida mostrou-se satisfatória nessa área relativamente bem conhecida do Nordeste, mas à medida que se adentrava na região amazônica os problemas da cartografia geomorfológica começaram a assomar. Caberia a Getúlio consolidar, em tempo hábil, o arcabouço de uma metodologia inédita e flexível à incorporação dos novos fatos que estavam sendo encontrados.

A metodologia assim elaborada era aberta e, através de aperfeiçoamentos sucessivos, pôde suportar o mapeamento sistemático de toda Amazônia, até a introdução de modificações metodológicas maiores atingindo as áreas da Amazônia Ocidental e preparando as novas posições metodológicas que seriam adotadas no âmbito do mapeamento do restante do País pelo Projeto RADAMBRASIL. A gênese e a evolução da cartografia geomorfológica do RADAMBRASIL estão elucidadas em um trabalho elaborado em co-autoria e apresentado no Congresso Brasileiro de Geologia de Camboriú, em 1980. O mesmo tema seria retomado em outra publicação de 1983.

O mapeamento das diversas áreas obedecia a cronogramas rígidos. Para cada folha do corte cartográfico ao milionésimo as etapas de trabalho compreendiam: levantamento bibliográfico, interpretação preliminar, jornadas de campo (em geral, sobrevôos), re-interpretação, preparo do mapa final e redação do relatório. Getúlio participava de todas essas etapas, inclusive voando com as equipes nos lentos mas robustos *Islanders*. Todos nós temos inestimáveis recordações desses longos e arriscados pêniplos aéreos sobre florestas e rios: Getúlio às vezes enjoava bastante, mas disfarçava, recompunha-se discretamente, não se abatia - e sorria, apontando algo lá embaixo, distraíndo-nos, enquanto também passávamos mal...

Em gabinete, estava sempre alerta, era prestativo, orientando e opinando sem tentar obstruir a expressão individual daqueles que liderava e em quem depositava confiança. Porque ele incentivava a capacidade de inovação: deixava que se tentasse, que se criasse livremente, mesmo que se chegasse enfim a um "beco sem saída". Era assim que ele compreendia a busca da verdade: persistir, perseverar sempre.

Mesmo durante sua extensa ligação com o Projeto RADAM Getúlio não deixaria de atuar junto a órgãos como o CNPq, o CAPES, a FINEP, universidades e centros de pesquisa, com o denodo e a dedicação que sempre lhe foram característicos. Em março de 1985 recebeu o título de Professor Emérito do Instituto de Geociências da UFMG.

Quando deixou a direção da Divisão de Geomorfologia, o Projeto RADAMBRASIL encerrara suas atividades originalmente previstas na Amazônia e embarcava na "aventura" de estender o mapeamento sistemático para todo o Brasil. Getúlio permaneceu muito ligado à "sua" equipe, apoiando-a como consultor especial. A organização dessa equipe, atuando durante um período de tempo tão longo de modo absolutamente coeso e articulado, será talvez um dos maiores legados de Getúlio dentro do Projeto. O espírito de trabalho compartilhado e as lições aprendidas no seio daquela Divisão subsistem até hoje nos profissionais que ora somos.



Entre 1981 e 1982, quando o Projeto RADAMBRASIL, fechando o longo percurso de suas atividades de pesquisa, ocupava-se da folha SE.23 Belo Horizonte, iremos sempre recordar as visitas que fizemos a Getúlio à procura de orientação e esclarecimento de dúvidas que não conseguíamos resolver. Certa vez, ele nos recebeu no Instituto de Geociências, aquele amado Instituto de tantas memórias, e vimo-lo subir a escadaria com esforço penoso: a doença já se encontrava em estágio avançado, parava a todo instante procurando inspirar o ar que sentia cada vez mais rarefeito. Depois, quando redigíamos o relatório, aguarda-vamos ansiosamente seus comentários. Eles vinham com regularidade, datilografados com dificuldade: eivados de erros de digitação, emendados à mão, em caligrafia trêmula. E as observações: claras, lúcidas, as idéias expostas com lógica exemplar.

Getúlio Vargas Barbosa faleceu em 1985, quatro dias antes de seu 54º aniversário. Em todos nós, que tivemos o privilégio de desfrutar de sua companhia, deixou uma lacuna não preenchida até hoje, mas fica conosco a memória de um homem modesto e afetuoso, mestre capacitado e pesquisador íntegro que nos legou como objetivo maior a busca incansável da verdade. O volume referente à folha Belo Horizonte seria o último a estampar o título RADAMBRASIL (o volume 38). No entanto, permanece inédito com uma comovida dedicatória ao consultor e amigo.

BERNARDO DE ALMEIDA NUNES
TRENTO NATALI FILHO
Geógrafos do IBGE

